

O movimento da vida e seus desafios à Extensão Universitária

TÂNIA MARA VIEIRA SAMPAIO¹

RESUMO

O presente artigo insere-se no marco do diálogo sobre a Extensão Universitária, tendo como eixo fundamental a afirmação da vida, tanto das pessoas, quanto dos demais organismos vivos do ecossistema e das energias plurais. Toma-se a vida como o cerne em torno do qual se pergunta pela relevância do conhecimento que se produz, que se reproduz, que circula dentro e fora da universidade, que se instala e se desinstala na dinâmica indissociável do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. A dinâmica da vida requer que os mundos de dentro e de fora da Pesquisa e do Ensino dialoguem com a Extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão. Vida. Indissociabilidade.

ABSTRACT

This article is within the framework of dialogue on university Extension, taking as its fundamental affirmation of the life of both individuals, and the other living organisms in the ecosystem and energy plurals. We take the life as the core around which asks about the relevance of knowledge that is produced, which reproduces, it circulates within and outside the university, which installs and de-install the dynamics inseparable for Education, Research and Extension. The dynamics of life requires that the worlds inside and outside the Research and Education to hold discussions with the Extension.

KEYWORDS: Extension. Life. Inseparability.

INTRODUÇÃO

No movimento cotidiano da vida, as pessoas, aqui identificadas por seus corpos, como materialidade expressiva de uma integridade que não sucumbe a dicotomias maniqueístas e antagônicas, apresentam-se como interlocutoras sobre o tema da extensão universitária. Não haveria sentido refletir sobre extensão se a Vida (das pessoas e dos demais organismos vivos do ecossistema e das energias plurais) não fosse o cerne em torno do qual se pergunta pela relevância do conhecimento que se produz, que se reproduz, que circula dentro e fora da universidade, que se instala e se desinstala em espaços de tempos mais curtos ou longos.

A extensão universitária responde e interroga a pesquisa que se faz na academia, mesmo aquelas que se presumem superiores e autossuficientes. Também não dá trégua ao ensino que se anuncia desde a sala de aula, mesmo que este pretenda encerrar-se em si mesmo e contentar-se com a transmissão do saber acumulado. A dinâmica da vida requer que os mundos de dentro e de fora da pesquisa e do ensino dialoguem com a extensão.

O corpo, em seu movimento cotidiano, por meio de diversas linguagens, anuncia seus desejos e sentidos. Criando cultura, cultivando projetos e sonhando horizontes, ele proclama a vida com dignidade. A cultura, por sua vez, compreendida

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado em Educação Física e coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Católica de Brasília, DF. Formação em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião.

como uma construção social significativa dos seres humanos, ávidos por superarem sua *limitação eidética* (*eidos* = forma limitada), realiza-se a partir de relações que exigem considerar a diversidade e pluralidade como marca fundamental da *ilimitação tética* (*tesis* = transcendência) (LIMA VAZ, 2006).

Os distintos grupos sociais que compõem a sociedade não necessariamente desejam sua organização do modo predominante em que, muitas vezes, está construída. O modo dominante de organização da vida não representa a única e imutável forma de pensar o mundo. O movimento de resistência, de contracorrente à lógica dominante é também uma das marcas da experiência humana no mundo. Nesse sentido, a extensão universitária apresenta-se como campo fértil para acolher e fazer a escuta das demandas que estão presentes fora e dentro da universidade. Como um espaço e tempo privilegiado de escuta e ressonância, em que a circulação da vida em suas múltiplas relações anuncia que o saber é *bem-vindo* e *bem-dito* a quem e a que projeto de sociedade. Fazer sentido, tornar-se importante, marcar a história, fazer a diferença parece compor o rol de categorias que interpelam a extensão a se posicionar frente ao ensino e à pesquisa que se realiza na academia. Na concepção de Freire, é um ato de diálogo entre universidade e comunidade visando a estabelecer a *comunicação do conhecimento* (FREIRE, 1977).

A VIDA COMO EIXO FUNDAMENTAL PARA PENSAR A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Entre os caminhos possíveis para a reflexão sobre a extensão universitária, escolhemos dar continuidade a reflexões por meio do movimento da vida em suas múltiplas relações cotidianas a partir da construção de identidade como fruto de um movimento relacional dos corpos para afirmar sentidos significativos que transcendam o que está dado. Sem dúvida, os movimentos dos corpos, ainda que motivados por sons em cadência de continuidade, não podem abdicar de identificar as discontinuidades e os momentos históricos distintos. As dimensões da história anterior e da ação no presente em sua mútua interpelação anunciam que a cultura, a criação e a auto-organização da vida são dinâmicas. Em seu movimento, a vida acolhe

os anseios de sentido da existência possibilitando a ressignificação de linguagens fortes e importantes que carregam a afirmação da identidade de um grupo social, seja de mulheres, de homens, de negros, de indígenas, de brancos em sua interdependência com o ecossistema (MORIN, 2000).

Não raras vezes, olhamos para distintos grupos sociais e vemos corpos maltratados, inferiorizados, sofridos, humilhados, subtraídos de sua realeza, de sua beleza e de sua dignidade, regando com seu suor e lágrimas esta terra e tantas outras ao redor do mundo.

“ **A dinâmica da vida requer que os mundos de dentro e de fora da pesquisa e do ensino dialoguem com a extensão.** ”

Certamente, isso não representa uma opção de todas as pessoas, nem um projeto de sociedade sonhado coletivamente, mas ações de poderes dominantes que produzem cultura. Instalam-se, muitas vezes, pelo uso da força da armas. Ademais, promovem ciência e saberes capazes de legitimar a organização cotidiana e promover uma mentalidade que “naturaliza” o que é construção histórica e social. Assim se fez com a escravidão no Brasil, por exemplo, e em todos os processos, a este, contemporâneos e similares na estrutura de subordinação.

A extensão universitária tem o compromisso de trazer para dentro do cotidiano acadêmico, do ensino e da pesquisa, essas marcas da corporeidade no mundo. Por um lado, tem o compromisso de sair dos muros da universidade e fazer ecoar as novidades resultantes das pesquisas e do ensino e, por outro, contar dos impasses de quem, estando na universidade, não consegue entender claramente a realidade – seu saber não é suficiente para criar outros mundos possíveis. Precisa *dos saberes* que circulam e se constroem em outras esferas da vida (MORIN, 2010).

A corporeidade humana, este feixe de necessidades, paixões e desejos, é exigente, resistente e persistente. Embora, às vezes, vítima de grande opressão, não sucumbe à morte decretada, resiste e constrói caminhos alternativos. Contradições instalam-se na história de vida de uma grande parcela da humanidade: do decreto de morte das identidades, dos amores, dos sonhos, dos lugares de sentido, da dignidade, corpos negros, indígenas, de mulheres, de homens, de crianças, de idosos, de empobrecidos, obrigados a viver para o trabalho pesado que beneficia uma parcela social que acredita ser superior, vai afirmando-se na contramão, anunciando pequenas parcelas de poder em direção ao novo.

Não é possível romantizar o absurdo e horror de diversos processos culturais de inferiorização e exclusão de etnias, de gêneros, de classe, de geração, entre outros promovidos ou legitimados pela produção do saber universitário. Contudo, uma extensão universitária que constrói pontes, que abre espaço de diálogo, que estabelece um ir e vir de saberes, ocupa-se tanto da denúncia da perversidade das classes dominantes que organizam o cotidiano da economia, da política, da educação, da religião, da ciência... vitimando grupos sociais enfraquecidos pelo sistema que organizam; como também, ocupa-se de proclamar a resistência e, por vezes, o protagonismo de grupos sociais marginalizados, manifestando saberes diversos que se organizam e fortalecem a vida desde outros lugares e que, se aliados aos produzidos e difundidos na universidade, teriam potencial transformador efetivo.

A extensão universitária que se propõe nesta reflexão não se situa em processos de vitimação, por exemplo, dos indígenas no massacre da conquista, ou dos negros na escravidão, ou dos empobrecidos e excluídos do mercado globalizado, ou das mulheres nos processos de violência sexista, mas acima de tudo afirma o reconhecimento da força de resistência desses corpos e sua luta na contramão dos poderes de seu cotidiano, produzindo, junto com a comunidade, saberes que alimentam a universidade. Comidas, modas, ritmos, traços de saberes e sabores hoje desfrutados no cotidiano revelam o movimento cultural proveniente desta corporeidade resistente a uma cultura dominante que o subestimou e o expropriou de sua dignidade. Os sons do lamento, da saudade, da dor,

do sonho, da garra, da luta para proteger a vida e para não adormecer a coragem de fazer acontecer outro jeito de organizar as relações e a sociedade aparecem, entre outros movimentos, no encontro das corporeidades que dançam-jogam-lutam-comem-sabem-decidem-vivem... como sinal de resistência, como protesto pela negação de sua humanidade, como anúncio das fugas, da construção da utopia, em um profundo processo de ressignificação dos sentidos da vida.

Esta reflexão sobre a extensão universitária toma a imagem, o retrato dessa realidade como inspiração e afirmação de que a corporeidade tatuada como negra, indígena ou branca, ao tocar e trocar suores, olhares e gingados não pode ser expropriada da história que enraizou na cultura jeitos plurais desses corpos dizerem não à violência. Uma memória ativa, que na cadência dos *tambores, atabaques e berimbaus*, (sons marcantes da vida que pulsa em nosso país), vem reinventando a utopia do cultivo da vida com dignidade ainda quando muito se tem que fazer para seguir suprimindo preconceitos e discriminações.

A CORPOREIDADE HUMANA EM SUA AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE TRAZ UM DESAFIO À ESCUTA PELA UNIVERSIDADE

A corporeidade humana, ao buscar sentido para sua existência, produz saber para afirmar a vida ou para reverter a sina severina, como anunciava João Cabral de Mello Neto (2001) em seu poema *Morte e Vida Severina*. No poema, o retirante, ao iniciar seu êxodo falando de sua identidade e de sua construção social, nos faz um verdadeiro convite a repensar a relação extensão-ensino-pesquisa-extensão-pesquisa-ensino-extensão...

— o meu nome é Severino,
[...] como há muitos Severinos
[...]. Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
[...] Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue

que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
Iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina [...].
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
algum roçado da cinza
(MELO NETO, 2001, p. 85).

O desejo de vida vem afirmado em cada palavra, vem proclamado nos mundos de sentidos que transbordam das imagens provocadas pelas palavras medidas de Severino. Seu propósito é ser presente na vida de quem o ouve, a quem ele dirige sua palavra e quer que o conheçam. As afirmações de sua identidade estão construídas na igualdade percebida em relação a tantos severinos e severinas e, simultaneamente, na diferenciação almejada.

O caminho de dizer sua história de vida e seu sonho de não render-se à morte severina, ainda que a vida o seja, provocam um movimento de retirada constante e interminável daqueles impasses que o cotidiano lhe apresenta. A ausência sentida é enfrentada na palavra "*bem-dita*" que faz presente o desejo² de vida, a utopia da dignidade em vida e em mortes severinas.

Mais do que símbolos permitindo a comunicação entre as pessoas, as palavras expressam ausências sentidas e antecipam, aproximando do cotidiano, os horizontes imaginados. Rubem Alves (1982) aponta a mediação da palavra como presença que reclama as ausências percebidas, ausências essas que não são diferentes de desejos e esperanças manifestas.

Palavras, nada mais que palavras. Mas as palavras são ais, suspiros, profecias. E com elas se constroem mundos. [...] os universos se constituem pelo poder das palavras, grávidas de desejos. [...] Não existe uma natureza humana, no sentido de uma essência biológica fixa. Nós nos tornamos humanos trilhando

2 O *desejo* será compreendido, neste texto, como a dimensão humana que lhe faz transcender o real, em virtude do seu potencial de criação de cultura. Assim, não será aqui abordada a sua concepção psicológica, que o concebe também da perspectiva de possibilidade de perversidade, e não apenas de seu caráter de positividade criativa.

os caminhos que as culturas estabeleceram. Acontece que tais receitas culturais de humanidade não entram em nossos corpos e não se transmitem biologicamente. Elas só são preservadas e transmitidas na medida em que contamos às gerações mais novas sobre nosso jeito típico de existir. Nossos mundos existem graças ao poder da fala (ALVES, 1982, p. 71-75).

Severino interpõe sua presença a partir de sua insistente fala/palavra proclamada em busca de identidade. "Mas para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra" (MELO NETO, 2001, p. 85).

“ A corporeidade humana, este feixe de necessidades, paixões e desejos, é exigente, resistente e persistente. Embora, às vezes, vítima de grande opressão, não sucumbe à morte decretada, resiste e constrói caminhos alternativos. ”

A imagem da corporeidade severina há muito me interpela nas lidas acadêmicas, sobretudo, quando estamos diante dos problemas científicos relevantes à pesquisa, ao ensino e à extensão. Se superados parecem estar os debates sobre a impossibilidade de conceber um saber neutro (SAMPAIO, 2009), sem compromissos ético-políticos de quem promove o conhecimento, não está, do mesmo modo, aclarado o debate sobre a relevância do saber debatido na academia e compartilhado com a sociedade em suas diversas esferas. As diversas áreas do conhecimento são interrogadas a pensar suas possibilidades de constituir-se em saberes capazes de acolher a *vida severina* e a *vida não severina* em suas exigências de dignidade e humanidade.

A extensão universitária, de modo particular, necessita ser debatida devido à diversidade de possibilidades que tem assumido na história da universidade brasileira. Ora como difusão e produção de cultura; ora na perspectiva cursos de socialização de conhecimentos; ora direcionada ao desenvolvimento de comunidades empobrecidas; ora como conjunto de ações assistenciais; ora na modalidade de assessorias e consultorias; ora como processos de aprendizagem; ora como princípio fundamental para a indissociabilidade acadêmica (SAMPAIO; FREITAS, 2010).

“ A necessidade de viver e o sentido que damos à nossa existência definem o conhecimento que é construído, marcado como saber datado e contextualizado. ”

Esses são alguns dos questionamentos que pretendemos refletir, como que constituindo um convite às pessoas dedicadas aos estudos, com o propósito de entrar na roda da palavra. Palavra que inventa, *[des]instala* e *[re]inventa* mundos. Retomamos, dessa maneira, particularidades do universo da construção de identidade de severinos e severinas que reverberam em meu diálogo com os estudos acadêmicos e seu desafio de trabalhar a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Para tanto, voltamos à noção de *corporeidade* que preside a presente percepção de conhecimento.

A necessidade de viver e o sentido que damos à nossa existência definem o conhecimento que é construído, marcado como saber datado e contextualizado. Assim, o chamado conhecimento científico, impregnado da ideologia da racionalidade e da objetividade pura, não reconhecerá no saber construído pela corporeidade qualquer segurança de cientificidade. Ou, como diria Santin (1993), em sua crítica ao caráter reducionista do pensamento racional, presente em muitas abordagens acadêmicas,

o qual afirma que “[...] os sentidos e as sensibilidades são enganadores. O conhecimento da experiência existencial ou, como diríamos hoje, o conhecimento popular, não tem o crédito da cientificidade oficial” (SANTIN, 1993, p. 55).

No entanto, partilhamos da concepção de que a corporeidade é categoria indispensável para o tratamento do tema da *construção de saberes* por meio do diálogo entre universidade e sociedade, premissa tão cara à extensão universitária, uma vez que os seres humanos buscam conhecimentos e vivenciam seus desejos a partir dos reflexos da realidade em sua corporeidade. Nas palavras de Rubem Alves, acerca da centralidade da corporeidade na experiência humana de estar no mundo,

[...] cada corpo é o centro do mundo. Quaisquer que sejam as realidades que me atingem, nada sei sobre elas, em si mesmas. Só as conheço como reverberações do meu corpo. Os limites do meu corpo denotam os limites do meu mundo. Porque vejo as estrelas, poderei dizer, com Bergson, que meu corpo vai até elas (ALVES, 1982, p. 32-37).

O mesmo se pode perceber no texto de Nancy Pereira, em suas palavras:

[...] constatamos na história, que o corpo tem sido o maior espaço de opressão da mulher [...] assim como também foram de outros grupos: indígenas, negros. Por isso mesmo, o corpo não pode ser deixado de lado em uma leitura que se pergunta pelas relações de gênero. A vida ou a morte se manifesta através dos corpos. Recuperar os corpos concretos é parte fundamental da afirmação da vida concreta e sensual (PEREIRA, 1997, p. 5).

Está na corporeidade, em sua integridade e concreticidade, a condição dos seres vivos de construírem suas experiências de relações no mundo e os saberes que respondam às interpelações de seu cotidiano. A categoria *corporeidade* é expressão concreta da existência humana vivenciada também em um processo complexo de relações sociais (SAMPAIO, 2009). Por isso, convém retomar aqui observações como as de Heleieth Saffioti (1992, p. 210): “[...] não se trata de perceber apenas corpos, que entram em relação um com o outro. É a totalidade formada pelo

corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU que entra em relação com o OUTRO". A organização da corporeidade é exigente e, em sua *experenciação* na vida, cria linguagens próprias para comunicar suas urgências e sua presença no mundo. Na vida cotidiana, homens e mulheres engajam-se em diversas atividades, exigindo que não se reduza a pessoa a um dos momentos ou movimentos nos quais está envolvida, como observa Ágnes Heller:

[...] a pessoa está comprometida por inteiro em atividades heterogêneas. [...] Não é "toda linguagem" ou "toda animal" ou "toda espírito", "toda corpo", "toda animal de trabalho", "toda tecnologia criativa", "toda ativista política" etc. É, ou pode converter-se, em tudo isto de cada vez. Pode, ademais, afirmar-se que os homens e as mulheres sempre se encontram na rede de relações sociais, ainda que isto não implique que a única rede que merece investigar-se seja essa (HELLER, 1991, p. 61).

A associação da corporeidade das pessoas aos seus diversos movimentos de construção e experimentação de seus saberes, além de confirmar que o conhecimento é sempre datado, sexuado, racificado, condição a ser trabalhada nas ações extensionista, implica tanto a eliminação dos dualismos sujeito-objeto, objetividade-subjetividade, racionalidade-emotividade, público-privado ou pessoal-político quanto o questionamento do caráter genérico, universal e atemporal dos conhecimentos. Segundo Yolanda Mainieri,

[...] não há objeto científico que não esteja determinado pelo sujeito que investiga e que este sujeito não é a-histórico; não está nem fora da história nem fora da sociedade, senão que, muito pelo contrário, está determinado pela sociedade na qual vive e se desenvolve. [...] porque a produção de conhecimentos se faz a partir de todas as determinações de seu próprio gênero, as quais são próprias da época histórica e cultural em que vive, da sociedade na qual se encontra e da produção de conhecimentos existentes até esse momento (MAINIERI, 1994, p. 7).

A concepção de corporeidade, tomada como uma das balizas desta reflexão visando propor que as

ações extensionistas tenham consistência e relevância, proporciona que *humores e amores*, experiências humanas sedutoras no cotidiano, constituam a produção de conhecimento (seja na pesquisa, na extensão ou no ensino), tornando-se relevantes para a continuidade do debate sobre o saber científico e a sua consequente intervenção. Tendo por assentado a corporeidade, pergunta-se aqui pela possibilidade de

“ A categoria “corporeidade” é expressão concreta da existência humana vivenciada também em um processo complexo de relações sociais (SAMPAIO, 2009). ”

as experiências de luta, de vida e de cultura construídas na contraordem, no limite das marginalidades, na beira das exclusões, na vida e morte severinas, abrirem-se a novos horizontes para as lidas acadêmicas de intervenção e investigação científica.

O jeito de caminhar, de preparar a comida, de enfeitar o corpo, de saudar a criança que nasce, de enterrar os severinos e as severinas, de rezar, de inventar trabalho ou de iniciar a festa, por parte de quem vive no cotidiano as condições mais adversas de vida, carrega contribuições importantes para o diálogo entre os saberes da universidade e da sociedade, pois delas se constituem perguntas e problemas geradores de produção de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento está a serviço da necessidade humana de viver. Por isso, cabe iniciar a caminhada em direção à resposta da questão acadêmica formulada nesta reflexão: pode o saber científico [re]inventar e [re]verter a *sina severina* de milhões de pessoas excluídas da economia de mercado globalizado? Pode nosso estudo constituir-se em campo fértil para a experiência

de direito de severinos e severinas a viverem a dignidade de sua corporeidade? A corporeidade não marcada pela sina severina pode se responsabilizar pelo saber que produz, na perspectiva de construção de uma sociedade em que caibam todos?

A extensão universitária que não puder articular-se ao saber produzido pelas pesquisas, que não puder fazer perguntas novas à pesquisa que se realiza na academia, que não puder fazer a *devolutiva* qualificada para redimensionar a pesquisa e o ensino da universidade não se constituirá em efetiva extensão universitária. Poderá, quando muito, funcionar como uma das muitas válvulas de escape da sociedade que alivia a culpa de seu hedonismo distribuindo migalhas assistencialistas com nomes modernos e sofisticados (a exemplo, de assessoria, consultoria, transferência cultural ou de tecnologia).

A extensão universitária, comprometida com as urgências e exigências da corporeidade, necessita assumir, das teorias de gênero e correlatas, sua pergunta analítica básica sobre as relações sociais de poder que se estabelecem entre os gêneros em sua pluralidade, entre as etnias, entre as classes e demais relações sociais. Precisa ocupar-se com a responsabilidade ética e política de garantir que a palavra pronunciada na academia seja ponte que une o saber em construção em suas distintas expressões e não apenas aquele que se sistematiza nos espaços formais de educação acadêmica (SÍVERES, 2008).

O ir e vir do conhecimento, da academia para as comunidades, para a rua, requer que a extensão seja vista como elemento constitutivo do fazer acadêmico e não como o momento da “distribuição dos resultados”. Nem mesmo pode se contentar em fazer o papel de organizadora de grupos sociais que ao se reunirem para determinada atividade servem de “objetos” de pesquisa ou “bichos raros” expostos nos momentos de ensino. A extensão universitária tem a responsabilidade fundamental de enunciar criticamente a pergunta pela ética que subjaz a pesquisa, o ensino e a relação academia e comunidade externa (UCB, 2009).

A extensão universitária parece ter muito a aprender do retirante do poema de João Cabral de Mello Neto. Severino anuncia insistentemente a palavra que enfrenta a morte e a mesmice. Sua busca

de vida e singularidade o faz atento a diversas palavras que parecem tirá-lo de seu propósito. Ele contesta, argumenta e experimenta cada situação cotidiana como uma passagem, uma transposição de obstáculos, um conhecimento que precisa ser ressignificado para que a vida ecoe como possibilidade para ele e para os demais corpos severinos.

Não nos referimos aos severinos como os sujeitos exclusivos ou prioritários da extensão. Longe desta reflexão está o desejo de restringir a extensão universitária a uma compreensão equivocada de assistencialismo, de benfeitoria, de caridade com os empobrecidos ou demais minorias políticas da sociedade. Muito pelo contrário, é na determinação de anunciar e ouvir a palavra e *palavra nova* diante de uma realidade que parece repetitiva que a extensão precisa se inspirar.

Há um sonho, um desejo, uma possibilidade de construção desde o lugar da falta que se apresenta como possibilidade de compreender a extensão universitária. É a falta, a ausência que precisa reverberar na universidade a fim de entendermos que o que se faz ainda está muito longe do que é o potencial da extensão. O diálogo entre a comunidade externa e a comunidade universitária precisa aprender pelo menos duas possibilidades dadas no poema, a da velha carpideira que tenta consolá-lo com o destino fechado e único traçado para todos e a do velho carpinteiro que alerta Severino para seu cansaço e não lhe deixa nem desistir da palavra que anuncia a vida, nem de perceber que a cada vida nascida há uma esperança de sina nova para as vidas severinas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- HELLER, Ágnes. **Historia y futuro: sobrevivirá la modernidad?** Barcelona: Península, 1991.
- LIMA VAZ, Henrique. **Antropologia filosófica**, v. 1. 8. ed. São Paulo, Loyola, 2006.
- MAINIERI, Yolanda I. Teología, liberación y paradigma de género: apuntes en marcha para la reflexión colectiva. In:

Vida y pensamiento, v. 14, n. 1. San José: SBL, 1994.

MELO NETO, João Cabral de. **Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto**. Seleção de Antonio Carlos Secchin. 8. ed. São Paulo: Global, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.

PEREIRA, Nancy C. Pautas para uma hermenêutica feminista da libertação. In: **RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana**, nº 25. Petrópolis: Vozes/Sinodal, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

SAMPAIO, Jorge Hamilton; FREITAS, Marta Helena. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – és tu a universidade que estava por vir ou esperamos por outra? In: FREITAS, Lêda G.; MARIZ, Ricardo S.; CUNHA FILHO, José L. **Educação superior: princípios, finalidades e formação continuada de professores**. Brasília-DF: Universa-Líber Livros, 2010.

SAMPAIO, Tânia Mara V. A justiça social em perspectiva de gênero e raça. In: MOREIRA DE OLIVEIRA, Jose Lisboa (Org.). **Ensaio sobre justiça social: refazendo o caminho da vida e da paz**. Brasília-DF: Universa, 2009.

SÍVERES, Luiz. A extensão como um princípio de aprendizagem. **Revista Dialogos**, v. 10, Brasília, Universidade Católica de Brasília, Dezembro de 2008.

SANTIN, Silvino. Perspectiva na visão da corporeidade. In: MOREIRA, Wagner W. (Org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1993.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB. **Diretrizes de Extensão**. Brasília, UCB, 2009.